

## **DEPOIMENTO: 30 ANOS**

### **CEAS: SAUDOSO E SAUDÁVEL**

**CLÁUDIO PERANI\***

No título deste depoimento informal coloquei “CEAS saudoso” porque tenho dele uma lembrança muito afetuosa; e saudável porque foi nele que cresci em minha “saúde” e, ainda hoje, me inspira muito. Andando por estas regiões amazônicas, encontro pessoas que falam do CEAS e me conhecem através da revista. É um depoimento bem pessoal, que divido em duas partes: na primeira, lembro o que eu encontrei no CEAS e, na segunda, o que eu gostaria que continuasse fazendo.

#### **1. ALGO DA MINHA HISTÓRIA NO CEAS**

Meu primeiro impacto no CEAS foi o encontro com um grupo de estudantes e de professores da área das ciências humanas, de diferentes ideologias, alguns de orientação marxista. Até então, só tinha estudado teologia. Foi para mim uma aprendizagem difícil, mas muito frutuosa.

Gostaria de lembrar o clima democrático e de respeito pelas opiniões de todos que conseguimos introduzir, apesar das dificuldades e das muitas crises (uma crise contínua?). Isso permitiu uma análise de realidade mais aprimorada, menos dogmática e, por consequência, mais perto das necessidades dos movimentos populares.

Em particular, devo reconhecer a grande contribuição dos amigos marxistas que, introduzindo-me no campo da análise marxista, me permitiram não somente aprimorar o conhecimento da realidade em que vivemos e o caminho da história, mas também aprofundar minha interpretação do Evangelho e da prática de Jesus, inspiradora da minha prática hoje. Parece anacrônico falar disso, quando o marxismo passou de moda e surgem outros paradigmas. Pessoalmente, penso que, numa conjuntura em que se afirma o fim das ideologias e na qual aparecem tendências esotéricas e místicas, seja muito saudável utilizar alguns conceitos marxistas para poder discernir melhor.

O seu grande impacto foi o encontro direto com setores populares, em particular os trabalhadores rurais. Coloco-o em segundo lugar não pela importância, mas por razões cronológicas. Apesar de ter tido sempre algumas andanças pelas camadas populares, foi o CEAS que me obrigou a um contato maior (que, devo reconhecer, foi sempre limitado).

Descobri outro mundo, diferente do meu, com sua sabedoria, com seus valores e com seu compromisso. Além de ter feito muitas amizades e ter equacionado melhor a angústia da “revolução”, aprendi muito, não somente no que se refere à

visão de realidade e aos caminhos da mudança, mas também no âmbito, propriamente “meu”, da fé e da teologia.

## 2. ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA O CEAS

Gostaria de lembrar o que o Padre Geral da Companhia de Jesus nos disse quando de sua passagem pelo CEAS, em 1992. *“O Centro – dizia ele –, alcançou o respeito e o reconhecimento de quantos se interessam pela mudança das estruturas sociais, tanto nos meios acadêmicos como nos meios populares. Esta íntima relação, tão recomendada por meu antecessor, o inesquecível Padre Arrupe, entre reflexão científica e inserção no meio popular, entre o serviço direto dos pobres e a generalização e divulgação das análises fundadas nestas experiências, é o que constitui, creio, a originalidade e a força do CEAS”*. Estou de acordo. Se o CEAS nem sempre teve grande reconhecimento nos ambientes mais acadêmicos, conseguiu, porém, elaborar uma reflexão teórica séria, que sempre ajudou os setores populares e as pessoas comprometidas neste trabalho. Penso seja muito importante que esta orientação continue, apesar das dificuldades hodiernas.

Lembro um editorial do CEAS, nestes últimos anos, no número 167 do ano de 1997. Aí se dizia: *“Sentimos o imperativo de ‘voltar’ (...) para os milhões de semi-cidadãos – agora redescobertos como “clandestinos” (...). Os movimentos sociais de favelados, agora também nas cidades médias, de migrantes em massa, de aposentados, biscateiros de todo beco (muito negro nesta situação branca), domésticas, mães chefes de família lutando em clube e grupos de vizinhança pelos filhos (menos abandonados que os pais), doentes reclamando na frente dos postos de saúde sem remédio nem enfermeira, funcionários de todo nível, desempregados de toda obra... Chamam nossa atenção, nesse meio, os blocos crescentes de “irresponsáveis” – loucos violentos (...). Procuramos experimentar e entrever nessas bandas da rede social malha fina, das maiorias, até de classes perigosas, novos eixos de mobilização social e política, muito além da partidária, sindical etc. (...) Suspeitamos que os chamados movimentos in-formais, ou mais des-organizados, apenas por ser-nos grandes desconhecidos, distantes das “nossas formas” mentais, ideológicas, culturais; distantes das “nossas lógicas” de organização e mobilização políticas, justamente por isso eles podem ser, talvez, mestres”*.

Até aqui o editorial do CEAS com o qual me identifiquei muito. Penso que esta linha deva continuar. Pode não ser a única, mas é aquela onde se deve investir mais, pois, em geral, não me parece muito presente e nem muito valorizada nos ambientes teóricos e práticos, dos movimentos e das pastorais populares.

Para que esta orientação possa se firmar e avançar sempre mais, penso seja necessária, além de um contato contínuo com os setores populares, uma reflexão mais localizada, que penetre mais na vivência cotidiana do povo. Parece contraditório dizer isto no momento em que todos falam de “globalização”. Mas

tenho, também, a experiência de quanto canse este tipo de análise: muitos agentes não suportam mais um discurso genérico e repetitivo, que não ajuda em nada o compromisso concreto de transformação.

É preciso voltar-se mais para os caminhos concretos do povo, para a proliferação disseminada de criações anônimas e perecíveis, que irrompam com vivacidade e não se deixam catalogar. No mundo dos excluídos, sob a realidade efetiva da exploração e opressão de todo tipo, existem micro-resistências, que fundam, por sua vez, micro-liberdades e que mobilizam recursos insuspeitos. Trata-se de apostar e de confiar, de fato, na inteligência e na inventividade dos mais fracos. Não é suficiente chamá-los de “sujeitos históricos”. Devemos reconhecer concretamente seus caminhos de liberdade, que não se reduzem nem se identificam, assim sem mais, com certos movimentos populares mais organizados.

Penso seja esta uma grande tarefa do CEAS. Com seu conhecimento da prática popular e com sua capacidade de reflexão teórica, poderia favorecer sempre mais este tipo de análise, que não se encontra facilmente no mercado e que, me parece, é fundamental. É um grande desafio. Mas vale a pena!

---

*\* Cláudio Perani é Superior da Divisão Amazônica da Companhia de Jesus e foi, durante muitos anos, Coordenador do CEAS e assíduo colaborador dos **Cadernos do CEAS**.*